

Governo sofre com a falta de comunicação

■ Auxiliares de Cardoso não se entendem: Serra discorda de Jatene, que diverge de Bresser, que é desmentido por Paulo Renato...

MARCEU VIEIRA

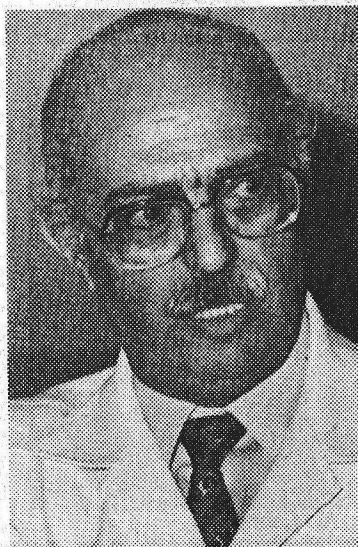
BRASÍLIA — Predominava o vocabulário rococó em dia de visita ilustre na Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara, na última quarta-feira, quando o petista carioca Milton Temer, deputado em primeiro mandato, resolveu pregar uma peça no convidado, o ministro das Comunicações, Sérgio Motta. O ministro defendia as privatizações na área de telecomunicações, idéia repudiada pelo PT. "Faço um acordo com vossa excelência. O governo esquece essa proposta e eu me comprometo a defender a seguinte idéia...", iniciou Temer, lendo em seguida um texto em que as privatizações eram substituídas por contratos de gestão. "Sou contra esse negócio", Motta perdeu a calma. Para azar do ministro, Temer lia um trecho do *Mãos à obra, Brasil*, programa de governo que elegera Fernando Henrique Cardoso e para o qual ele próprio havia colaborado. O "negócio" que criticou está na página 222 do livro.

Não foi a primeira gafe cometida por ministro ou parlamentar aliado nesses quase três meses de governo. Desde a posse de Cardoso, sobram episódios que por vezes deixam a impressão de vigorar em Brasília uma espécie de *samba do governo doido*. O enredo se estende pela Esplanada dos Ministérios. Há duas semanas, o próprio Motta havia brigado com o ex-deputado mineiro Pimenta da Veiga, que acabaria renunciando à Presidência do PSDB. Motivo: o ministro não aceitava abrir mão do posto de se-

cretário-geral do partido, como queria o ex-deputado.

Pimenta no cargo dos outros é refresco, mas havia precedentes. Dias atrás, o ministro da Administração, Bresser Pereira, defendera a universidade paga, garantindo que falava em nome do governo. Foi desmentido no dia seguinte pelo colega da Educação, Paulo Renato de Souza. Pouco antes, ao divulgar a proposta de abertura do setor de Saúde ao capital externo, o ministro do Planejamento, José Serra, levava um beliscão do titular da área, Ariberto Jatene. Há outras histórias de cabeçadas. A mais fresca se deu entre o presidente do Banco Central, Pêrsio Arida, e seu diretor de Relações Internacionais, Gustavo Franco. Os dois defenderam — em público — posições diferentes para o funcionamento das bandas cambiais, nome complicado que o governo escolheu para sua política de paridade dólar-real.

Malcriações — Se Bresser, Jatene, Serra, Arida, Franco & Cia., que têm cargo no governo, não se entendem, que dirá os deputados e senadores aliados? Nesses quase três meses, entre outras malcriações, a Câmara aprovou — e com voto de governistas — o salário mínimo de R\$ 100 e a anistia ao senador Humberto Lucena (PMDB-PB), acusado de usar a gráfica do Senado eleitoralmente. Com isso, colocou nos ombros do presidente a responsabilidade de vetar o reajuste do mínimo e sancionar o perdão ao patrono da gráfica do Senado. Na mesma onda, o Senado aprovou o tabelamento dos



Jatene e Serra: divergências sobre abertura da saúde ao capital externo



Motta atacou idéia de Cardoso; Bresser propôs o que até governo rejeita

juros em 12%, pendenga que se arrastava desde a Constituinte de 88, enquanto a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara des-

mantelava a emenda de reforma da Previdência.

Falta articulador político? "Essa conversa de articulador político

não tem que existir. O articulador é o presidente, ou quem ele indicar", dá a sua receita o senador baiano Antonio Carlos Magalhães, cacique do PFL. "É a falta de articulador político que está causando essa bateção de chifres", discorda o deputado Moreira Franco (PMDB-RJ). "Esse governo é como um navio moderno, cheio de botões, só que não sai do porto. E sabe por que? Porque os comandantes não sabem mexer nos botões", prefere o líder do PL, Valdemar Costa Neto (SP), ele mesmo um governista. "É muito intelectual para um governo só", insiste Valdemar. "No começo tudo são flores. Depois, quando começa a funcionar, vêm os problemas naturais", ameniza o senador Artur da Távola (PSDB-RJ). "Não há uma só forma de poder que não tenha luta interna por espaço."

Egos — Pois o problema é exatamente espaço, acredita o deputado Delfim Netto (PPR-SP), fazendo troça. "Falta espaço no Banco Central para os egos do Arida e do Gustavo Franco. Um é maior que o outro. Tão grandes que não cabem no mesmo prédio", ironiza Delfim, autor das denúncias que movimentaram o Congresso ao longo das duas últimas semanas. Segundo ele, informações privilegiadas do BC teriam beneficiado bancos que ganharam os tubos em compra e venda de dólar. A denúncia levou Senado e Câmara a convocarem Arida para sabatinas, separadas, na terça e na quinta-feira.

Não há como negar que Arida se

saiu bem nas sabatinas, mas o xis da questão é outro, diz o líder do PDT, Miro Teixeira (RJ). "O governo briga porque ainda não se livrou dos amigos", dá a opinião de quem assiste à fúria de fora. Mas quem são esses amigos? "Não sei. O governo que olhe lá no seu espectro de alianças, inclusive entre os que estão sem cargos." Miro compartilha da sensação de gente que dá expediente no Palácio do Planalto, de que haveria uma conspiração dos próprios aliados.

Um dos soldados da conspiração, fala-se à boca miúda, seria o presidente do PFL, Jorge Bornhausen. Sem cargo no governo, estaria de olho no lugar de Clóvis Carvalho, ministro-chefe da Casa Civil e, por isso, teria metido a colher na panela do PSDB, defendendo Pimenta da Veiga, de quem é amigo, na briga com Sérgio Motta. "É tudo fantasia", defende-se Bornhausen. "O importante é fazer prevalecer o espírito público e aprovar as reformas."

Se falta espírito público na prática, sobra no discurso. "Não há terremoto que não tenha acomodação", filosofa o senador Hugo Napoleão (PFL-PI). "Isso é ajuste de parafusos." O deputado José Genoino (PT-SP) concorda com a tese dos parafusos de Napoleão, mas acha que eles vêm frouxos desde a campanha. "Não há como evitar tensionamento em um governo com uma base de apoio tão larga, tão cheia de contradições, onde tem de tudo. Por isso, o governo dança nesse samba de fofocas."